

The Call of the Wild / 1935

A Ambição do Ouro

um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Gene Fowler, Leonard Praskins, *segundo o romance de* Jack London *Fotografia* (35 mm preto-e-branco, 1:1,37): Charles Rosher *Direcção Artística:* Richard Day, Alexander Galitzen *Música:* Alfred Newman *Montagem:* Hanson Fritsch *Intérpretes:* Clark Gable (Jack Thornton), Jack Oakie (Shorty Hollihan), Loretta Young (Claire Blake), Reginald Owen (Smith), Frank Conroy (John Blake), Sidney Toler (Joe Groggins), Charles Stevens (François), Lalo Encinas (Kali) Katherine De Mille (Marie), James Burke (Olle), Duke Green (Frank), Russell Powell, Tommy Jackson, Herman Bing, George McQuarrie, Tyler Brooks, e o cão Buck.

Produção: 20th Century Fox, United Artists *Produtor:* Darryl F. Zanuck *Cópia:* DCP, preto-e-branco, falada em inglês e legendada electronicamente em português, 91 minutos *Reposições:* 1945 e 1953 em versões de 81 minutos (de duração inferior aos 91 minutos da versão original) *Estreia Mundial:* 14 de Agosto de 1935, Rivoli, Nova Iorque *Estreia comercial em Portugal:* 4 de Fevereiro de 1936, S. Luiz, Lisboa *Primeira apresentação na Cinemateca:* 29 de Outubro de 1993 (“Redescobrir William A. Wellman”).

Nota

A “folha” de Manuel Cintra Ferreira, originalmente escrita em 1993, foi revista e editada nesta ocasião.

Várias vezes adaptada ao cinema, *The Call of the Wild* (*O Apelo da Selva*, como é geralmente conhecida a sua tradução portuguesa [com as variações *O Apelo da Floresta*, *O Apelo Selvagem*]) é uma das mais populares novelas de Jack London. O tema principal, o referido “apelo”, tem que ver com o instinto do cão-lobo (no filme de Wellman transformado num São Bernardo) que o faz regressar à vida selvagem, à companhia dos outros lobos (daí que a raça escolhida para o filme represente uma curiosa inversão do original). Mas o argumento de Gene Fowler e Leonard Praskins, sacrifica a intriga principal do livro à necessidade de uma intriga romântica, que a presença de Clark Gable e Loretta Young à frente do cartaz impunha. Se o filme se desvia das linhas do romance (e disso apenas os “puristas” se podem queixar) toda a atmosfera, encadeamento da história, a própria definição dos personagens e das suas relações, têm, no entanto, a marca inconfundível de Wellman. Entre aquele escritor e o realizador há, aliás, muitas afinidades.

A história de Buck, o cão, passa para segundo plano, para dar lugar aos conflitos humanos na grande corrida ao ouro no Yukon em 1900. De certo modo, podia dizer-se que o argumento de **The Call of the Wild**, se limita a uma das aventuras do cão, que no livro acompanhamos desde nascença, pelos vários donos, uns bons, outros cruéis, terminando com a sua fuga e refúgio entre os lobos. Encontramo-lo quando Jack (Clark Gable) procura animais para a sua nova aventura em busca de ouro, depois de ter esbanjado num ápice, à mesa do jogo, a fortuna que recolhera antes. A reconstituição da atmosfera daqueles dias turbulentos é perfeita, e se não apaga da memória outra que dez anos antes chegara aos ecrãs: **The Gold Rush**, de Charles Chaplin, tem sinais e pormenores com a marca de Wellman (repare-se nos primeiros planos do filme, com a rua enlameada por onde passa um trenó, onde um homem branco se encontra refastelado, sendo penosamente arrastado por... uma mulher índia; e o inconfundível primeiro encontro de Jack e Shorty: o copo de whisky que cai das mãos do primeiro, enquanto o segundo se volta na cadeira farejando o líquido). Jack encontra no bar um velho amigo, Shorty (Jack Oakie, que praticamente “rouba” as cenas aos seus parceiros quando aparecem juntos, com o humor truculento e as piadas oportunas) que o põe na pista de uma nova mina. É na preparação da viagem que vão encontrar Buck, preso numa jaula devido ao seu estado semi-selvagem. De imediato, Jack sente-se fascinado pelo cão e consegue domesticá-lo, mas só o adquire para fazer frente à arrogância de Smith, sádico ricoço em busca de emoções e novas fortunas, acompanhado de dois cúmplices patibulares que reage à agressividade do cão pretendendo matá-lo. Os laços entre Jack e o cão vão tornar-se fortes e secundarizam o romance entre ele e Claire (Loretta Young, que mesmo nas planícies geladas arranja forma de aparecer com uma *toilette* diferente em cada sequência). Não deixa de ser

irónico que Wellman dê uma ênfase maior à relação dos dois e às brincadeiras comuns do que ao romance em si, que por sua vez mais parece um “sucedâneo”, pois desenvolve-se na ausência do cão, também ele ocupado nos seus amores com uma linda loba! O comentarista da *Variety* dizia ironicamente, ao tempo da estreia, que quando se vê o casal com a ninhada de lobinhos, dada a configuração destes, muito diferentes do São Bernardo, que “devia andar, algures, outro vilão no elenco”!

À margem do anedotário e das incongruências, **The Call of the Wild** é um filme profundamente Wellmaniano, mas é daqui que deve derivar a imagem que se instituiu da misoginia do realizador. Não só em certos momentos Jack prefere a companhia do animal, como termina de forma pouco convencional para os romances: o regresso do marido de Claire, e a partida conjunta, que deixa Jack na solidão do gelo até à chegada de Shorty... acompanhado por uma velha índia. Contudo, mesmo o tema da separação é frequente nos filmes de Wellman à volta de triângulos amorosos. E, ao contrário da norma, o “intruso” aparece, por vezes, apenas para consolidar os laços do casal. A diferença entre o Jack de **The Call of the Wild** e o Harry de **The Hatchet Man** é simplesmente moral: à integridade e simpatia do primeiro, responde a hipocrisia e oportunismo do segundo. O “vilão” deste filme é apenas um: o sádico Smith, que, e os seus cúmplices, arrasta para a terra virgem a sua arrogância, querendo impor a sua lei e desejos e satisfazer os caprichos. É por sua instigação que Buck faz a corrida com o trenó carregado, para ver se rebentava com o animal odiado. Por isso, a ser feita justiça, é à natureza que ela cabe: depois do roubo do ouro de Jack serão arrastados nos rápidos do rio e afogados.

Para além do tipo de relações peculiares dos filmes de Wellman (o romance Jack-Claire, o triângulo, a amizade Jack-Shorty), **The Call of the Wild** testemunha outras características do realizador: os laços de amizade que unem um homem e um animal (o papel do cão neste filme, e daí a sua mudança em relação ao que tem no romance, é o de preencher uma necessidade afectiva e a sua desapareição, porque desaparece sempre, representa a superação de um conflito, papel que tomará cada vez mais importância em filmes futuros, como **The Story of G.I. Joe** e **Westward the Women**, para culminar no sublime **Goodbye my Lady**); e o papel da natureza, com a qual um homem se identifica e sobrevive (Clark Gable em **Across the Wide Missouri**, John Wayne em **Island in the Sky**), ou que renega e por ela é destruído (Robert Mitchum em **Track of the Cat**).

Manuel Cintra Ferreira